

---

## Comunicação Comunitária: Um Olhar Sobre a Realidade Amazônica<sup>1</sup>

Bruno Alfaia PACHECO<sup>2</sup>  
Nair Santos LIMA<sup>3</sup>

Universidade Nilton Lins, Manaus, AM

### RESUMO

Este artigo tem por objetivo sugerir algumas reflexões sobre o tema comunicação comunitária no âmbito da disciplina de mesmo nome, ministrada no curso de jornalismo, na Universidade Nilton Lins. O percurso metodológico tem por base pesquisa bibliográfica e observação assistemática. O arcabouço teórico se constitui a partir da leitura de estudiosos da comunicação e da cultura amazônica. A ênfase recai na comunicação comunitária, por possibilitar a implantação de veículos de comunicação nas comunidades amazônicas, a fim de atender as necessidades dessas populações. Resulta-se desta análise a compreensão de que o exercício da comunicação comunitária estimula as comunidades à adoção de práticas voltadas para o fortalecimento da cultura local minimizando a invisibilidade desses povos.

**PALAVRAS-CHAVE:** comunicação; comunicação comunitária; comunidade; Amazônia.

### Introdução

De modo particular, comunicação comunitária designa os diversos veículos de comunicação pertencentes a uma comunidade; “construídos” pela comunidade, com a comunidade e para a comunidade. Essa definição, para muitos, refere-se àquilo que é comum, de outro modo, diz-se das pessoas que fazem parte de uma população, de uma região ou nação; das nações que se encontram unidas por acordos políticos e econômicos; ou ainda, pessoas vinculadas por interesses comuns (religião, partidos políticos etc.). Mas também o termo pode ser compreendido pela “dimensão subjetiva”, aquela maneira natural que cada um se permite vivenciar e sentir o real significado dessa experiência. Sobre esse aspecto de ‘comunidade’ retomaremos mais adiante.

Segundo Peruzzo (2004), considera-se que a comunicação comunitária “é uma comunicação que se compromete, acima de tudo, com os interesses das ‘comunidades’

---

<sup>1</sup>Trabalho apresentado na DT/IJ – Jornalismo do XVII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Norte, realizado de 22 a 24 de maio de 2018.

<sup>2</sup>Estudante de Graduação 5º. semestre do Curso de Jornalismo da Universidade Nilton Lins- AM, e-mail: [brunoalfaiakun@gmail.com](mailto:brunoalfaiakun@gmail.com)

<sup>3</sup>Orientadora do trabalho. Professora do Curso de Comunicação Social da Universidade Nilton Lins, e-mail: [nslima1405@gmail.com](mailto:nslima1405@gmail.com)

onde se localiza e visa contribuir na ampliação dos direitos e deveres de cidadania”. Esse modelo contempla ainda, formatos diversos e linguagens variadas na utilização dos canais comunitários possibilitando a convivência entre modelos artesanais e até mesmo de meios digitais de comunicação.

Embora o termo expresse aspectos ‘artesanais’ ou mesmo técnicos ou, ainda, tecnológicos de uma prática social, a comunicação comunitária nos remete ao conceito de comunidade, fundamental para esse entendimento, ou seja, refere-se a uma comunicação considerada como de pequena escala, para a qual muitos denominam como alternativa, popular ou comunitária, mas não menos importante, visto que se configura e se adequa a diferentes maneiras e em diferentes lugares, pelo Brasil e no mundo (PERUZZO, 2004b)<sup>4</sup>

Dentre os objetivos primeiros da comunicação comunitária, está o compromisso em educar e capacitar a população, seja no aprimoramento de seu vocabulário, dos seus conhecimentos, no fortalecimento de valores e também na socialização de novas técnicas e da tecnologia. É certo também pressupor que um veículo comunitário deve estar preocupado em trazer sempre presente em sua programação aspectos e práticas da cultura local, com o objetivo de fortalecê-las, evitando assim que muitas expressões culturais percam-se no cotidiano intenso e veloz da civilização atual (PAIVA, 2011)<sup>5</sup>

Nesse sentido, a comunicação comunitária pressupõe diversas definições, provavelmente por agregar dois termos de dimensões abrangentes, subjetiva e interdisciplinar. Mas o que, de fato define essa comunicação? Aliás, do que trata o termo comunicação aqui atrelado? Para responder a primeira questão, deve-se, inicialmente, entender o real significado daquilo que denominamos comunicação.

## **Comunicação**

É preciso saber que enquanto ser vivo, independentemente da busca, se está em um constante aprendizado, isto por que durante a vida, passa-se por experiências que vão moldando e desenvolvendo o indivíduo, tanto social quanto culturalmente, e o suporte necessário nesse processo de aprendizagem é a comunicação.

---

<sup>4</sup> Disponível em: <https://lumina.ufjf.emnuvens.com.br/lumina/article/view/201/196>. Acesso em 04 fev. 2018.

<sup>5</sup> Disponível em: [https://leccufjf.files.wordpress.com/2011/02/paiva\\_comunicacao-como-projeto-social.pdf](https://leccufjf.files.wordpress.com/2011/02/paiva_comunicacao-como-projeto-social.pdf). Acesso em 04 fev. 2018.

---

Dentre os vários sentidos que o termo carrega, é possível definir ou denominar comunicação como ‘compartilhar’, ‘participar algo’, aquilo que transmite uma mensagem etc. De acordo com o dicionário, comunicação vem do latim “communitas”, que significa “tornar comum”, sendo uma ferramenta de integração na qual o indivíduo obtém troca de conhecimento e desenvolvimento. Segundo Bordenave (1997), a comunicação não inclui apenas a troca de mensagens entre pessoas, conscientemente, além delas, muitas outras são trocadas naturalmente ou sem que se perceba.

(...) a comunicação é muito mais do que os meios de comunicação social. Estes meios são tão poderosos e importantes na nossa vida atual que às vezes esquecemos que representam apenas uma mínima parte de nossa comunicação total (BORDENAVE, 1997, p. 18)

A comunicação humana, em todos os conceitos científicos faz referência à vida. Ela surge com os primórdios da civilização e mesmo antes da fala. Por isso é essencial para a vida em sociedade. Sem ela não há como criar vínculos sociais. Ela integra o indivíduo com o outro e com a sociedade. É um processo de extrema importância, pois é imprescindível a vida em comunidade ou fazer parte de um grupo para o nosso próprio bem, talvez por questão de sobrevivência, quando se busca instruções a todo o momento permitindo a troca de conhecimento, experiências e desenvolvimento pessoal. Bordenave (1997, p. 36) afirma que a comunicação serve para que as pessoas se relacionem entre si, transformando-se mutuamente e, conseqüentemente, a realidade que os rodeiam. Ainda, segundo o autor,

Sem a comunicação cada pessoa seria um mundo fechado em si mesmo. Pela comunicação as pessoas compartilham experiências, ideias e sentimentos. Ao se relacionarem como seres interdependentes, influenciam-se mutuamente e, juntas, modificam a realidade onde estão inseridas. (BORDENAVE, 1997, p. 36)

Logo, percebe-se a mesma significação que Aristóteles atribuiu ao estudo da retórica quando definiu o processo comunicativo, e que serve de base para todos os demais modelos constituídos até mesmo no âmbito das novas tecnologias. Para Aristóteles, a comunicação implica na busca de todos os meios disponíveis de persuasão. Menezes (1973) observa que:

Todos eles são ‘muito assemelhados às antigas descrições sobre retórica, dialética e argumentação que nos vieram sobretudo de Platão,

---

Aristóteles, os estóicos, Cícero e Quintiliano’, e ‘permanece, o clássico esquema tricotômico da comunicação apresentado por Aristóteles: 1) a pessoa que fala; 2) o discurso que pronuncia; 3) a pessoa que escuta’ (MENEZES, 1973, p. 7-15)

A comunicação tem como função a transmissão de uma mensagem, compartilhar informação, propiciando troca de conhecimento entre os indivíduos, além de educar, que permite às pessoas conhecimento, cultura, agrega valor e possibilita ainda compreender o factual e o extraordinário, visto que a comunicação exerce um papel importante, direta e indiretamente, na vida das pessoas, entretanto, ao falar de comunicação é também importante considerar que só há comunicação se a mensagem do emissor for entendida pelo receptor para que o processo comunicativo – que tem como elementos principais: emissor, mensagem, receptor – seja entendido e/ou concluído.

Nos estudos da comunicação, a etimologia do termo reivindica uma significação específica que reúna todos os demais conceitos apreendidos dos diversos campos científicos, visto que a comunicação impõe-se na encruzilhada de várias disciplinas e de tantas outras ciências e, embora se reconheça a acelerada evolução dos meios tecnológicos - que tratam de um aspecto importantíssimo da comunicação na contemporaneidade -, ressalta-se que no sentido etimológico o termo cruza todos os demais campos científicos ao apontar para o aspecto humanístico do processo.

Observa-se que, mesmo de modo abrangente, a comunicação não implica práxis social, ou seja, “ela não se confunde com a convivialidade”, (...) “mas um tipo de relação intencional exercida sobre outrem” (HOHLFELDT et al., 2006, p.14). Faz-se necessário, portanto, se pensar epistemologicamente a comunicação, especialmente nesse contexto, ou seja, no ambiente do jornalismo, cujas teorias, além de tão divergentes, primam pela ética e pelo respeito aos direitos da pessoa humana.

## **Comunidade**

Definidos os conceitos sobre comunicação, faz-se necessário, para chegar ao real entendimento sobre comunicação comunitária, entender o que é ‘comunidade’ e, aqui, retomemos a ideia inicial, nesse trabalho.

---

A palavra comunidade, nos estudos sociológicos, possui 94 definições, ou seja, ela pode ser compreendida sob diversos ângulos e usada para representar desde pequenos povoados, aldeias, agremiações e, até, grupos étnicos e nações. Além desse amplo espectro conceitual, a expressão comunidade, em sua definição, caracteriza-se pela dimensão subjetiva, embora ela se estruture a partir de um ‘sentimento comum e de pertencimento coletivo’. A dimensão subjetiva, portanto, se coloca como mais significativa do que outras dimensões, como a da espacialidade, também associada à ideia de comunidade.

O resultado das intervenções tecnológicas, independente dos que acreditam ou não “que a Comunicação Mediada por Computador (CMC) seja capaz de formar ‘comunidades reais’ questionam se essas comunidades *on-line* reforçam ou enfraquecem as conexões *off-line*” (JOHNSON, 2010, p. 45). Uma dessas perspectivas recai sobre o fato dos sujeitos serem os mesmos. Essa questão polarizou-se desde que “o acesso aos serviços *on-line*, *e-mail* e a participação em *chats* é similar à sensação de sentar num café ou num bar para ver quem está lá para conversar” (ibidem).

Com efeito, a comunidade da qual se fala, além do caráter de pertencimento e da espacialidade, carrega significado e insere-se em uma dimensão subjetiva. Bauman (2003, p.7) corrobora com esse olhar ao sugerir que “As palavras têm significado: algumas delas, porém, guardam sensações. A palavra ‘comunidade’ é uma dessas. Ela sugere uma coisa boa: o que quer que ‘comunidade’ signifique, é bom ‘ter uma comunidade’, ‘estar numa comunidade’”.

Segundo o autor, qualquer que seja o significado de comunidade “é bom ter uma comunidade”, “estar numa comunidade”, pois nela sempre se tem apoio dos outros indivíduos que também fazem parte da comunidade. Segundo o autor, “numa comunidade podemos contar com a boa vontade dos outros. Se tropeçarmos e cairmos, os outros nos ajudarão a ficar de pé outra vez”<sup>6</sup>. Por isso, estar numa comunidade é essencial. A comunidade fortalece, tanto individual quanto coletivamente, visto que com ela se pode almejar um futuro próspero. A comunidade protege seus indivíduos que nela estão inseridos e faz com que a união e o sentimento de proteção estejam vinculados e ela, além do sentimento de pertencimento àquele lugar, àquela comunidade.

---

<sup>6</sup> BAUMAN, op. cit., p. 7.

---

Conseqüentemente, a comunidade aprende quando a vivencia, quando experimenta ou passa, de fato, a viver em comunidade, e é por meio da experiência de viver em comunidade que se aprende a sua importância.

Paiva (2007) destaca a existência de três possibilidades de vida comunitária, qual seja: baseada em laços de parentesco ou consanguinidade; de interesses, sentimentos ou afinidades e de relações de vizinhança ou proximidade. Essas características fortalecem o processo dialógico, isto é, a participação horizontalizada das pessoas que se relacionam com essa comunicação.

Os laços de parentesco são os de pai e mãe com os filhos, dos irmãos, tios, tias, avós, são os laços da família, sanguíneos, passados de geração a geração. Os interesses, sentimentos, as afinidades, são uma das possibilidades, que podemos exemplificá-las em interesses religiosos: se fazemos parte da mesma igreja; ou da mesma religião, crença. Também há os sentimentos, como o de pertencer àquele lugar, região, são afinidades de possibilidade de vida comunitária.

Para Paiva (2003, p. 97) “A forma de organização comunitária, fundada sobre sentimentos de fraternidade e confiança, é baseada na economia da reciprocidade, pela qual a terra e todos os bens pertencem a todos, que eles podem dispor livremente”. Desse modo, as relações de vizinhança (adquiridas pela proximidade) são as que se estabelece com os vizinhos do bairro, da rua, mas também, com as regiões próximas, cidades pequenas, vizinhas, assim, por meio dessas três possibilidades, pode-se ter uma vida comunitária. Ainda segundo Paiva (2003, p. 137) o envolvimento dos membros de uma comunidade estreita a relação entre o veículo e os propósitos e objetivos de uma comunidade, visto que os seus membros estarão envolvidos na produção, “e proporcionalmente maiores serão sua representatividade e reconhecimento como veículo comunitário”.

### **Comunicação Comunitária**

A comunicação comunitária é um veículo de comunicação da comunidade realizada por meio da participação e do compromisso com a comunidade por meio de ferramentas de auxílio à comunicação, tais como os alto falantes (o rádio poste); a internet, talvez a ferramenta mais importante e de mais fácil acesso e que também

---

possui uma linguagem diferenciada; a rádio comunitária, um dos acessos para a divulgação de notícias de interesses da comunidade e os jornais impressos, que são os jornais produzidos pela comunidade.

São veículos de comunicação que atendem a comunidade, uma vez que divulgam os interesses da população local, da vizinhança, do bairro. Para tanto, o indivíduo deve saber da importância que tem para a sua comunidade, pois é ele quem busca a melhoria por meio da comunicação comunitária. Assim, o veículo de comunicação é o canal para que a comunidade compartilhe suas necessidades, mas também suas conquistas junto às autoridades responsáveis, que seja pela infraestrutura, saneamento, tanto por parte da prefeitura ou do governo.

A comunicação deve ser para a comunidade, pela comunidade, da comunidade e com a comunidade, ou seja, é realizada por meio da participação e do compromisso de todos, portanto, é fundamental que a comunicação comunitária seja exercida pela própria população local para que a solução de todos os problemas dos comunitários sejam resolvidos e solucionados. Essa forma de organização da comunidade “fundada sobre sentimentos de fraternidade e confiança” se baseia na economia da reciprocidade, segundo a qual, “a terra e todos os bens pertencem a todos e que eles podem dispor livremente” (PAIVA, 2003: 97).

Nesse contexto, a comunicação comunitária proporciona uma vida social melhor, com projetos sociais que sejam viáveis e possíveis de serem concretizados. Paiva (2009) discorre sobre a perspectiva comunicacional cujo compromisso é com processos educacionais que propiciam o efetivo desenvolvimento dos povos, sendo primordial a participação e cooperação das pessoas.

Neste sentido, poderia se apontar como características próprias dos veículos comunitários a necessidade de promover uma comunicação horizontal, ou seja, o diálogo entre as pessoas, tornando exequível a participação e cooperação (PAIVA, 2009)<sup>7</sup>

## **Localizando a reflexão**

---

<sup>7</sup> [https://leccufjrj.files.wordpress.com/2011/02/paiva\\_comunicacao-como-projeto-social.pdf](https://leccufjrj.files.wordpress.com/2011/02/paiva_comunicacao-como-projeto-social.pdf)

---

A Amazônia compreende o conjunto dos aspectos hidrográfico, climático, florestal ou ainda o ecossistema múltiplo e diverso. As extensas paisagens e imagens mostradas na mídia, sobretudo aéreas, ainda refletem a “poesia” apregoada pelos primeiros navegadores que cruzaram a região. Entretanto, nos últimos anos, o retrato quase intocado da natureza amazônica passou a refletir um cenário de interesses – os mais diversos -, constituindo-o do reflexo de várias amazônias.

Muitas são as tendências comerciais, os contrastes e a importância ambiental dessa área para a sustentabilidade econômica e climática do Brasil, mas pouco se ouve sobre a diversidade de povos, de seus habitantes - descendentes de outras raças que aqui fizeram surgir o caboclo, o ribeirinho - e de tantos outros grupos sociais, como os coletores de seringa, castanha e de incontáveis produtos que marcam uma região potencialmente produtiva.

Sabe-se, porém, que a partir da segunda metade do século XX, grandes projetos econômicos começaram a aportar na Amazônia e, com isso, grupos empresariais trouxeram na bagagem um capitalismo moderno que se esparramou por diferentes localidades da região. Na ideologia do lucro o homem amazônico se rendeu à cobiça do ouro, da aquisição da terra e da lavoura do rápido e crescente retorno. Ressalta-se, porém, que nem mesmo no período de formação dos primeiros grupos sociais na Amazônia a natureza se manteve inalterada.

Atualmente as questões abordadas pela mídia concernente a Amazônia tratam de temas voltados ao desmatamento, construções de hidrelétricas e os impactos ambientais causados, além de terras não regularizadas ou devolutas da união, atividades de extração de minérios, entre outros, e, na contramão desse processo, uma trama de saberes é tecida e compartilhada entre “180 línguas nativas e sob a copa de 400 bilhões de árvores”. (AMAZÔNIA S/A, 2015, DVD. 1)

O modo singular vivenciado pelas comunidades da Amazônia não desperta interesses dos grandes veículos de comunicação, quer seja pela falta de novidade e/ou notoriedade de seus membros, quer seja pela quantidade excessiva de informações em escala global, das quais os veículos se “alimentam”. Desse modo, percebe-se que a história desses povos continua sendo construída de ausências e silêncios que permeiam de invisibilidade de suas identidades.

Sob outra perspectiva, pode-se dar visibilidade a essas comunidades da floresta, não mais pela mídia, mas por meio da comunicação comunitária adequada a cada



---

comunidade, quer seja no compartilhar histórias, culturas, entrecruzar saberes e, sobretudo, fortalecendo cidadãos em seus ambientes sociais. Nesse sentido, campos de possibilidades se projetam e se instituem como espaços de relação por meio da comunicação comunitária que atuam como veículos alternativos de alcance comunitário.

Como em todas as comunidades que raramente estão na pauta da mídia, na Amazônia não é diferente. Trata-se da maior floresta tropical do mundo, do maior rio de água doce do planeta, com fauna e flora em grandes proporções, além das diversas comunidades e tribos indígenas espalhadas por todo o território. Entretanto, dentre tantos fatores que causam invisibilidade aos povos amazônicos, destaca-se o difícil acesso a essas populações, embora estejam na Amazônia grandes e pequenas cidades, povoados, vilas, comunidades etc.

É importante frisar, novamente, que é fundamental que haja comunicadores participantes ativos na comunidade, pois a importância de se trabalhar a comunicação comunitária nessa perspectiva reside, sobretudo, em ajudar a divulgar as atividades, como também as necessidades da população, para tanto, é necessário que o grupo seja e/ou esteja unido em seus propósitos e que utilizem essa ferramenta como veículo de transformação social. Portanto, faz-se necessário pensar nesse meio de comunicação, como porta-voz de anseios e práticas de comunicação e que atinja a todos indistintamente na comunidade em que atua.

Uma região bem desenvolvida depende de um governo eficiente e qualificado, mas também, depende, sobretudo, de sua população, de sua comunidade. Sem o apoio e o incentivo da comunidade para as melhorias em sua região, não há como conseguir realizá-las, seja quanto à infraestrutura, saúde ou educação. Nesse sentido, a Amazônia que é (re)conhecida como pulmão do mundo e/ou coração do Brasil, agrega incontáveis comunidades. Por estarem dispersas, espalhadas pela região, são pouco vistas pelo resto do país e acabam não sendo lembradas.

Para tanto, é essencial que as comunidades (quase invisíveis ao mundo) busquem se unir para que se fortaleçam diante de fatores como a globalização e a mídia que as esquecem. Por outro lado, para que uma comunidade esteja unida dentro de um grande território, como a Amazônia, é fundamental que esteja em permanente comunicação, a fim de que ocorra o desenvolvimento territorial, além de ser importante para que se construam laços entre si.

---

Qualquer comunidade dentro da região amazônica deve buscar, impreterivelmente, manter sua cultura - costumes, crenças, o modo de viver das pessoas, além de proteger os indivíduos de práticas exógenas nocivas e, com isso, preservando sua história, ou seja, que a sua tradição não se perca. Desse modo,

Se alguém se afasta do caminho certo, frequentemente explicamos sua conduta reprovável dizendo que “anda em má *companhia*”. Se alguém se sente miserável, sofre muito e se vê persistentemente privado de uma vida digna, logo acusamos a *sociedade*— o modo como está organizada e como funciona. As companhias ou a sociedade podem ser más; mas não a *comunidade* (BAUMAN, op.cit. p.7)

Percebe-se que o autor defende veementemente a comunidade, e vê a sociedade como má. Ele justifica que se houver privação de algum projeto social em função do mau funcionamento do sistema público ou político, a sociedade será criticada, mas nunca a comunidade. A comunidade sempre busca por melhorias para seu povo, sempre irá sugerir algo bom.

### **Considerações Finais**

A comunicação comunitária, embora se configure no Brasil no final dos anos de 1990 tem se recriado continuamente, assim, nos diversos contextos sociais a expressão possibilita novos significados, quando se refere às atividades, as mais variadas da comunidade, mesmo havendo características próprias de cada meio comunitário.

Com raiz na comunidade, esse olhar vem ganhando expressividade e distinção no exercício do jornalismo, que se atualiza e assume diversos formatos. Entretanto, não há como negligenciar a realidade imposta ao homem da Amazônia, esquecido às margens dos rios ou das estradas à espera dos caminhos reais de desenvolvimento que, até então, ainda não os levaram aos seus próprios lugares.

Espera-se que novas rotas sejam traçadas à luz da ciência para que esses povos possam ter visibilidade, a fim de usufruírem da condição de sujeitos portadores de história e que as possibilidades inovadoras e de efetiva relação propiciada junto a esses povos permitam que as comunidades sejam munidas de produtos midiáticos apropriados a cada realidade, na qual os sujeitos sociais estão inseridos.

De outro modo, almeja-se também, que os veículos implantados nas comunidades desempenhem funções sociais que possam valorizar a cultura, trocar experiências, compartilhar do saber comunitário.

Espera-se que projetos, cuja vertente seja a comunidade, possam promover um olhar crítico sobre o jornalismo, como também nas práticas e transmissão da informação presente na atualidade e, ao mesmo tempo, considerar alternativas que possam ser executadas e voltadas para a valorização dos povos da Amazônia. Sabe-se ainda que a atuação de profissionais da comunicação dentro da comunidade passa pela dimensão social, como agente social, responsável por provocar a participação de todos.

Com efeito, aqueles que buscam desempenhar a atividade jornalística apreendida no âmbito da comunidade conseguirá exercê-la com maior eficiência, sobretudo na Amazônia, uma vez que, no singular estilo de vida dessas comunidades práticas culturais e de seus costumes são transferidos de uma geração à outra em um ambiente solidário e de intensa comunicação.

## Referências

HOHLFELDT, A.; MARTINO, L.; FRANÇA, V. (orgs.). **Teorias da Comunicação**. Petrópolis: Vozes, 2014.

BAUMAN, Zygmunt. **Comunidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

BORDENAVE, Juan Diaz. **O que é Comunicação**. São Paulo: Brasiliense, 2006.

JOHNSON, Telma. **Nos bastidores da Wikipédia lusófona: percalços e conquistas de um projeto de escrita coletiva on-line**. Rio de Janeiro: E-papers, 2010.

LOUREIRO, João de Jesus Paes. **Cultura Amazônica: uma poética do imaginário**. Belém: Cejup, 1995.

MENEZES, E. Diatay Bezerra de. Introdução. In: **Fundamentos Científicos da Comunicação**. Petrópolis: Editora Vozes, 1973.

PAIVA, R. **O espírito comum: comunidades, mídia e globalismo**. 2. ed. Rio de Janeiro: Mauad, 2003

\_\_\_\_\_. **O Retorno da Comunidade: novos caminhos para o social**. Rio de Janeiro: Mauad, 2007.

---

PERUZZO, Cicilia M. K. Direito à comunicação comunitária, participação popular e cidadania. In: OLIVEIRA, Maria José da C. (Org.). **Comunicação pública**. Campinas: Alínea, 2004b. p. 49-79.

RABAÇA, Carlos Alberto; BARBOSA, Gustavo Guimarães; **Dicionário de Comunicação**. São Paulo: Campus, 2001- 7ª reimpressão revista e atualizada.

SFEZ, Lucien. **Crítica da Comunicação**. São Paulo: Edições Loyola, 2000.

### **Arquivo Digital**

AMAZÔNIA S/A, Direção: Estevão Ciavatta, Produção: Pindorama Filmes. Rio de Janeiro, 2015. 5 DVDs, v.1, (11 min), NTSC, color. Disponível em:  
<http://pindoramafilmes.com.br/portfolio/amazonia-sa/>. Acesso em: 13 fev. 2018.